

Karla Conceição da Rocha Antonio *Geografia, Literatura e Arte*, v.1, n.1, p. 68-90, jan./jun.2021

Douglas de Paula Flora

DOI: 10.11606/issn.2594-9632.geoliterart.2021.168063

Matheus Lima de Andrade

CONTRIBUIÇÕES DA ARTE E DA LITERATURA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO NO ENSINO FUNDAMENTAL

CONTRIBUTIONS OF ART AND LITERATURE IN THE CONSTRUCTION OF THE GEOGRAPHIC KNOWLEDGE IN ELEMENATRY EDUCATION

CONTRIBUCIONES DEL ARTE Y LA LITERATURA EN LA CONSTRUCCIÓN DEL CONOCIMIENTO GEOGRÁFICO EN LA EDUCACIÓN FUNDAMENTAL

*Karla Conceição da Rocha Antonio*¹

IF Sul de Minas - Campus Poços de Caldas

*Douglas de Paula Flora*²

IF Sul de Minas - Campus Poços de Caldas

*Matheus Lima de Andrade*³

Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL/MG

Resumo: O presente estudo tem por objetivo propor uma atividade interdisciplinar entre Geografia, Literatura e a Arte nos anos iniciais do ensino fundamental e, para isto, utilizamos uma obra da literatura infantil intitulada *O Maluco do céu* (2009), de Anna Gobel, a qual se inspira em uma lenda caribenha sobre a formação dos continentes. Considerando que a história possui elementos geográficos implícitos na arte do livro e no diálogo dos personagens, destacamos as potencialidades de instrumentalizar os alunos sobre esses conceitos e de estimular a sua capacidade de leitura e de apreciação e representação artística. As idealizações e as sugestões das atividades foram concebidas considerando as habilidades a serem desenvolvidas que são requeridas pela Base Nacional Comum Curricular (2017), nas disciplinas de Geografia, Artes e Língua Portuguesa para os 2º e 3º anos do ensino fundamental.

Palavras-chave: Geografia; Interdisciplinaridade; Prática pedagógica.

Abstract: This study aims to propose an interdisciplinary activity between Geography, Literature and Art in the early years of elementary school and, for this, we use a work of children's literature entitled *The crazy of heaven* (2009), by Anna Gobel, which is inspired by a Caribbean legend about the formation of continents. Considering that history has geographic elements implicit in the art of the book and in the dialogue of the characters, we highlight the potential to instrumentalize students on these concepts and also to stimulate their capacity for reading and artistic appreciation and representation. The idealizations and suggestions of the activities were conceived considering the skills to be

¹ Licencianda em Geografia, IFSULDEMINAS/Poços de Caldas. E-mail: karla.rocha77@hotmail.com.

² Licenciando em Geografia, IFSULDEMINAS/Poços de Caldas. E-mail: douglaspaula987@gmail.com.

³ Mestrando em Geografia, UNIFAL/MG. E-mail: matheusgsmer@gmail.com.

developed that are required by the Common National Curriculum Base (2017), in the subjects of Geography, Arts and Portuguese Language for the 2nd and 3rd years of elementary school.

Keywords: Geography; Interdisciplinarity; Pedagogical practice.

Resumen: El presente estudio tiene como objetivo proponer una actividad interdisciplinar entre Geografía, Literatura y Arte en los primeros años de la escuela primaria y, para ello, utilizamos una obra de literatura infantil titulada *El loco del cielo* (2009), de Anna Gobel, que está inspirado en una leyenda caribeña sobre la formación de continentes. Teniendo en cuenta que la historia tiene elementos geográficos implícitos en el arte del libro y en el diálogo de los personajes, destacamos el potencial de instruir a los estudiantes sobre estos conceptos y de estimular su capacidad para leer y apreciar y representar el arte. Las idealizaciones y sugerencias de las actividades fueron concebidas considerando las habilidades a desarrollar que son requeridas por la Base Curricular Común Nacional (2017), en las disciplinas de Geografía, Artes y Lengua Portuguesa para el 2º y 3º año de la escuela primaria.

Palabras llave: Geografía; Interdisciplinariedad; Práctica pedagógica.

1. INTRODUÇÃO

Rediscutir e retomar as bases teórico-metodológicas da Geografia é também redescobrir que sua constituição não é integralmente fundada em autonomia, isto é, a confluência de saberes é uma das características do saber geográfico. História, Biologia, Física, Química e Matemática são algumas das bases que sustentam importantes pilares da pesquisa e do ensino em Geografia. E tal qual a Geografia, tais ciências outrora se apoiaram sob as contribuições de outros campos do conhecimento e por mais que a passagem das épocas culmine na fragmentação ou ruptura destas associações, uma breve discussão epistemológica é capaz de desvendar este caráter interdisciplinar. E eis aqui um dos nossos instrumentos de análise nesse trabalho.

A interdisciplinaridade em seu sentido mais amplo, como uma articulação entre diversas áreas da inteligência humana vem sendo alvo de debate recorrente nos últimos tempos, especialmente na educação básica. Contudo este fenômeno não é recente, somente pouco explorado.

Nosso objetivo neste estudo é contribuir para a intensificação das discussões nesse sentido, destacadamente ao que tange ao ensino de Geografia. Nossa análise perpassa

pelo entendimento que se pode estabelecer rumos melhor orientados com o intuito de tornar a educação algo abertamente mais dinâmico e socialmente relevante. Portanto, nossa análise contempla a aplicabilidade das Artes e da Literatura no ensino de Geografia, assim como defende a ideia de que os elementos geográficos são indissociáveis das contribuições presentes nas obras artísticas e literárias. Trataremos aqui da Arte e da Literatura como saberes únicos, considerando que no ensino básico, em especial a primeira etapa do Ensino Fundamental o aluno começa a desenvolver habilidades e é submetido a novas formas de ser e aprender, ampliando a sua criatividade, a sua capacidade de assimilação e de síntese que, neste âmbito, são desenvolvidas com alta profundidade em disciplinas distintas: Língua Portuguesa e Artes.

Essa proposta de interdisciplinaridade vai ao encontro da necessidade de atrelar a importância dos alunos de se reconhecer no espaço, considerando suas especificidades, as suas realidades em constante transformação, e a oportunidade de conceber tais propostas através da contribuição a percepção e representação destes aspectos, por meio da escrita ou das inúmeras possibilidades de comunicação, desde a palavra até outras linguagens não verbais.

Sobre estes pressupostos, então, nos atentaremos a determinadas habilidades, que abrangem o universo da imaginação e da criação (VIGOTSKI, 2009) e suas imbricações na consolidação da educação geográfica. Destacamos que as proposições seguintes foram produzidas com intenção de contribuir ao debate sobre o caráter artístico e literário inerente à ciência geográfica e, sobretudo, como esse diálogo demanda por maiores aplicabilidades práticas e concretas no ambiente escolar.

Este estudo está estruturado em três seções. Na primeira realizamos uma revisão, focando na análise histórica de consolidação da Geografia enquanto ciência, destacando a existência de uma correlação intrínseca com as artes e a literatura e demonstrando que não é ao acaso este fato, assim como voltamos nossa atenção as eventuais ocasiões que resultam na ruptura dessas compatibilidades e como este debate vem sendo retomado pelos geógrafos, especialmente aqueles ligados à tradição cultural e humanista.

Por conseguinte, a segunda seção trata das especificidades de ensinar e aprender Geografia nos anos iniciais e alertando sobre as possibilidades e importâncias de instrumentalizar os alunos nesta etapa quanto ao desenvolvimento das suas

potencialidades criativas, bem como de assimilação e percepção dos elementos que compõem o seu espaço de vivência.

Finalmente, a última etapa é composta por propostas de aplicação de atividades que visem a interdisciplinaridade que discutimos até então. Como instrumento de apoio, utilizamos uma obra de literatura infantil que apresenta, além de elementos artísticos, importantes conceitos geográficos implícitos nas gravuras e nos diálogos entre os personagens. Nossa intenção nessa seção é demonstrar como este livro fornece uma gama de possibilidades para um processo de ensino-aprendizagem.

Outras formas de manifestações artísticas, como cinema, teatro, pintura, música, podem ser utilizados com a mesma finalidade, levando a interpretações sobre o espaço, implicando em indagações relevantes para a ciência geográfica. Ao lançarmos mão da Arte e da Literatura, ampliamos os horizontes e apontamos outros caminhos para a construção das habilidades necessárias para ler o mundo com as suas complexidades. Desejamos provocar o questionamento nas crianças e incentivar futuros docentes e pesquisadores a contribuïrem além do que nos é factível, mediante formas de facilitar o acesso a conteúdo e conceitos, que muitas vezes parecem distantes e desprovidos de significados.

2. A GEOGRAFIA DA LITERATURA E DAS ARTES: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

A dimensão artística e literária da Geografia exige uma necessidade de compreensão primordial. Evidentemente, as proposições e contribuições da arte e da literatura são imbuídas de determinados aspectos que divergem da ciência geográfica. Mas não é algo que se reflete como uma totalidade. Há, nestes três “mundos”, correlações intrínsecas e fundamentalmente complementares. É o que buscamos evidenciar nestas breves considerações.

A princípio destacamos: a trajetória não é inteiramente linear. Se nos atermos às descrições clássicas do passado, escritas ou orais, é perceptível a riqueza de detalhes sobre as localidades, as paisagens, as cidades e seus habitantes. Ressaltamos aqui as narrações de Homero e suas colaborações poéticas sobre a Hélade grega e as “Canções de Gesta” proferidas aos heróis da França medieval. A título de consideração, Seemann (2009)

propõe que as pinturas das paisagens anteriores ao século XX possuem maior utilidade na leitura geográfica⁴ e, sobretudo, auxiliam a melhor desvendar a contribuição da Geografia acerca da geração de conhecimento sobre o mundo. A sua consolidação enquanto ciência moderna culminou em uma ruptura abrupta do pensamento com a arte e derivou na cisão com outros campos do conhecimento, tal qual a literatura (SEGISMUNDO, 1949; MARANDOLA JÚNIOR, 2010). Contudo, esta ruptura não consiste em um fim definitivo. E não há razões para tal.

Uma das especificidades das artes e da literatura é algo que pode se caracterizado como uma “despretensão geográfica”. Explicamos-lhes o porquê. Pesquisadores dos séculos XIX e XX admiravam a capacidade dos escritores de descreverem minuciosamente as paisagens, as regiões e os lugares os quais nunca haviam sido estudados antes pelos geógrafos. Tais descrições são elementos constituintes insubstituíveis de suas obras e, muitas vezes, a relação entre os personagens e os espaços retratados são o núcleo duro da história. No que tange aos romancistas, Pierre Monbeig (1957) pontua que a necessidade de entender sobre determinadas regiões pode ser sanada através da leitura de suas obras, que contemplam ricas contribuições acerca da paisagem geográfica, do clima, do relevo e sobre o cotidiano dos viventes. Ademais, como seria possível assimilar a sociedade europeia, em especial a holandesa, senão sobre o vislumbre das obras Ruysdael, Vermeer e Rembrandt, as quais Monbeig (1940) referiu-se como “transbordantes de civilização”, devido a expertise enquanto representação da ação humana sobre a natureza? (SILVA; SUZUKI, 2016). É imprescindível, ainda, conceber que os conhecimentos sobre a fauna, a flora e as comunidades tradicionais brasileiras estariam incompletos caso não houvesse suas riquezas expressas em pinturas do alemão Von Martius, que além da seriedade científica inerente a um naturalista, regozijava de uma descomunal sensibilidade artística.

A ausência de uma ‘despretensão geográfica’ não se traduz em uma falta de critério na análise dos autores ou que as suas descrições são infundadas ou feitas à esmo, mas significa que existem, inevitavelmente, ‘geograficidades’ e ‘espacialidades’ na sua

⁴“O que caracteriza uma leitura geográfica? A meu ver, essa forma de leitura engloba uma vasta gama de fenômenos materiais e imateriais, processos e produtos, fatos e pensamentos, com uma mensagem que se refere a espaços reais ou imaginários. [...] A leitura geográfica de imagens exige uma metodologia visual, não necessariamente limitada a aportes geográficos” (SEEMAN, 2009, p. 47).

literatura e, porventura, na sua arte (MARANDOLA JÚNIOR; OLIVEIRA, 2009). Trata-se da aglutinação de elementos indissociáveis e, portanto, fontes imensuráveis de análise, seja das aspirações geográficas embutidas na arte e na literatura, ou na geograficidade representadas pelas obras artísticas e literárias. A incumbência de biografar o Brasil e suas regionalidades foi dada a estes artistas e literatos. Os franceses do neoclassicismo pintaram a sociedade brasileira no século XIX, e é de imensurável contribuição as obras nacionais que convergem a descrição primorosa dos inúmeros “Brasis” que coexistem, como delimitou Segismundo (1949):

Voltando ao Brasil: É nos livros dos romancistas, que melhor poderemos conhecer certas particularidades da fauna e da flora, e as características de determinados grupos étnicos. Para não nos alongarmos, citaremos, apenas, alguns dos escritores mais em evidência, cujas produções compreendem vários ciclos: o das secas, o do cacau, o do açúcar, o agro-pastoril. São eles Domingos Olímpio, Raquel de Queirós, José Américo, Jorge Amado, José Lins do Rêgo, Dalcídio Jurandir. (SEGISMUNDO, 1949, p. 329).

Não é preciso, portanto, questionar, ou mesmo que requisitar o caráter literário e artístico da Geografia. Este sempre existiu. O que devemos, então, é voltar olhares quanto a nossa devida importância depositada na leitura geográfica de livros, pinturas, imagens e representações das mais diversas no que se refere aos elementos do espaço, das paisagens, regiões, lugares e territórios. A imaginação é o que diferencia o geógrafo de outros indivíduos e pesquisadores (WRIGHT, 1947 apud MARANDOLA JÚNIOR, 2010). Isto nos faz crer que estes cientistas devem se apropriar de outras áreas do conhecimento e não se vincularem hermeticamente ao rigor teórico-metodológico da ciência geográfica e, inclusive, devem abarcar outros agentes, a exemplo dos artistas e literatos, como detentores e disseminadores contundentes do saber geográfico. É de notória relevância considerar a sabedoria do cotidiano, da produção e reprodução da vida urbana e rural, as tradições das manifestações culturais e religiosas como incursão na assimilação da realidade, onde a Geografia se faz. A sensibilidade do ser e pensar em sociedade possibilita as manifestações artísticas que se enquadram nestes aspectos e contribuem para a consolidação, por exemplo, do conhecimento científico.

Esta incorporação possui pelo menos dois eixos principais: (1) **como relato documental**, apegando-se à realidade retratada e àquilo que ela traz de facticidade histórico-geográfica; e (2) como **imagem-imaginário** ou **símbolo-representação**, que traz/produz uma visão de mundo (valores e símbolos), desenhando Geografias e proporcionando a reflexão sobre a própria condição humana; um conhecimento universal portanto (MARANDOLA JÚNIOR, 2010, p. 9).

Tal proposta evoca o caráter humanista da Geografia. A extrema urgência das sociabilidades imbricadas ao espaço traz as percepções humanas para o centro do debate. O conhecimento formal, do método e da técnica, e o conhecimento informal, das vivências e das tradições estão sendo ponderados, ambos equivalentes entre si, nas referidas análises. Não por acaso, adeptos da tradição cultural e humanista vem sendo os maiores representantes da legitimação desta retomada na arte e na literatura. J.K. Wright, Yi Fu Tuan e Paul Claval são alguns dos nomes indispensáveis para se pensar e se aprofundar (MARANDOLA JÚNIOR, 2010; SILVA; SUZUKI, 2016).

É, sobretudo, um processo de reaprendizagem. Resgatar elementos que estavam, outrora esquecidos e adormecidos. Elementos estes de relevância notável. Tanto as artes quanto a literatura e a ciência geográfica emergem da orgânica relação homem-meio e por isso é tão importante restaurar a geograficidade do fenômeno artístico e literário. O olhar lírico sobre as paisagens e os lugares e o seu entrelaçamento inseparável com os homens, felizmente, vem proporcionando aos geógrafos a possibilidade de se ancorarem sobre as contribuições de artistas, escritores, cineastas e também daqueles que possuem o conhecimento geográfico experiencial, vivido. Como denota Ramos (2016):

O passo adiante é destacar que, se a Geografia é uma realidade material e vivida, a mesma também pode ser refletida nas obras artísticas, mas com a condição de ser representada sob formas e conteúdos que transcendem a realidade objetiva, embora sem dela se afastar totalmente (RAMOS, 2016, p. 37)

Tradicionalmente, a Geografia se apoiou nos relatos e nos contos literários (texto discursivo), nas pinturas impressionistas de paisagens e nos desenhos dos mapas (cartografia) que permitiam a análise acerca das suas categorias de interesse para se constituir. Diante da inevitável passagem do tempo, o surgimento de equipamentos e tecnologias modernas, como o cinema, a computação gráfica, a fotografia, dentre outros, tornou as abordagens cada vez mais complexas e criteriosas (MARQUEZ, 2006). Sobre

tais ‘modernidades’, cabe ressaltar que, ora contribui para a dinamização da Geografia, ora resulta no que debatemos até aqui: o seu distanciamento da literatura e da arte no seu sentido clássico.

Buscamos, por meio deste tópico, revisar uma discussão valiosa no campo da frequentemente debatida ‘interdisciplinaridade’. Um conceito que ainda requer significação mais sofisticada. Entretanto, não visamos encaixar, sem precedentes, ou ainda, incorporar de forma inescrupulosa as aspirações geográficas às artes e a literatura como conhecimentos totalmente desconexos que são tomados como complementares por pura conveniência. Anunciamos, no início, que esta trajetória não teria uma linearidade e evidenciamos ao longo do texto que esta correlação é caracterizada por rupturas sistemáticas, teóricas, mas que posteriormente se desembocam, no que nos referimos anteriormente, no ser e pensar em sociedade.

É esta seiva que nutre os humanistas, os geógrafos da cultura e alguns poucos marxistas que se aventuraram no mundo da arte e da literatura. Indiscutivelmente, essa classe de geógrafos das humanidades, desde o século XX vem estabelecendo não somente novas metodologias e categorias de análise, mas também trataram de fornecer aos indivíduos diferentes lentes que os permite ver o que este faz de si próprio na sociedade e como a sociedade lhe retribui. Em termos conclusivos, existe a necessidade da produção da arte e da literatura no mundo, assim como a produção do conhecimento científico se faz como indispensável à sobrevivência humana. É uma relação de transposição de eras e gerações que permeia as nossas experiências. Deste modo, destacamos nos textos que se seguem, a relevância pedagógica do que fora tratado aqui. Não há como perpetuar as contribuições que nos atentamos até o presente momento, se não compreendermos que os saberes não se fazem sozinhos e que é substancial fornecer aos indivíduos a oportunidade de aprendizado que lhes é essencial e como a Geografia da literatura e das artes tem tanto a cooperar num espaço de dimensões abundantemente simbólicas: o ambiente escolar.

3. LITERATURA INFANTIL, ARTE E GEOGRAFIA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL NO ENSINO?

No início da vida escolar, a alfabetização na língua materna e na matemática são os grandes objetivos a serem alcançados. Ao final do terceiro ciclo, a Avaliação Nacional

da Alfabetização (ANA), um dos instrumentos do Sistema de Avaliação da Educação Básica, é aplicada nacionalmente aos alunos do terceiro ano do ensino fundamental, englobando escolas rurais e urbanas, para avaliar o letramento e alfabetização em língua portuguesa e alfabetização em matemática.

Geografia, tal como Artes assume um papel secundário, com menos tempo de aula na grade escolar. No entanto, consideramos que a alfabetização não está dissociada do contexto geográfico e apesar da organização escolar priorizar determinadas disciplinas, acreditamos que a alfabetização abrange mais que palavras e números. “Partindo do fato de que a gente lê o mundo ainda muito antes de ler a palavra, a principal questão é exercitar a prática de fazer a leitura do mundo.” (CALLAI, 2005, p. 232). Alfabetizar é mais amplo do que decodificar palavras e a Geografia, se abordada nessa primeira etapa, de uma forma teórico-metodológica efetiva, pode modificar toda a trajetória escolar, posteriormente, auxiliando na formação educacional e possibilitando a leitura e compreensão de mundo. Nesse sentido Castellar (2003), ressalta:

Alfabetizar, segundo o dicionário Aurélio, é ensinar a ler. Alguns autores da área de Linguística têm chamado de técnica em ler e escrever. Ensinar a ler, em Geografia, significa criar condições para que a criança leia o espaço vivido. Ensinar a ler o mundo é um processo que se inicia quando a criança reconhece os lugares, conseguindo identificar as paisagens. Portanto, observar, registrar e analisar são processos que estão relacionados com o significado de ler e de entender, desde os lugares de vivência até aqueles que são concebidos por ela, dando significados às paisagens observadas, pois na leitura se atribui sentido ao que está escrito (CASTELLAR, 2003, p. 1).

O processo de instrumentalização da criança para a leitura do mundo não pode ser alheio ao universo infantil. É comum, os conteúdos serem apresentados descolados das vivências cotidianas, no entanto, o mundo não está fracionado em caixas, separadas por assunto, apresentar os saberes geográficos dessa forma, torna esse saber, distante da realidade e pouco atraente. Callai (2001) defende que o conteúdo na Geografia deve ser trabalho com o intuito de que o aluno construa sua cidadania. Por essa razão, se faz necessário pensar sobre ferramentas que exploram a curiosidade infantil e tornem possível as correlações entre o espaço vivido e a Geografia escolar. Sobre isso, Straforini, (2002) diz:

Quando uma criança entra na escola fundamental, uma nova fase de sua vida se inicia. Tudo o que ela mais quer é aprender. Essa ansiedade não se resume a ler, escrever e fazer operações matemáticas, mas também desvendar suas inúmeras indagações sobre o mundo que a cerca...” (STRAFORINI, 2002, p. 55).

Obviamente, compreendemos que isso não é uma tarefa de fácil resolução, todavia, consideramos a literatura e arte excelente aliados, dialogando eficazmente com a Geografia. Para Beraldi e Ferraz (2012), as análises e formas de conhecimento produzido pela ciência, suas investigações e interferências não são únicos, devemos nos atentar para outras visões, dentre essas, as contribuições da arte. A pintura, música, cinema e artes em geral, agregam outras formas de ver a realidade. Além disso, esse olhar artístico pode enriquecer a ciência geográfica.

Segundo Castellar (2003, p. 3), a maioria das crianças, fazem distinção entre a leitura e o desenho, um é pra ler, o outro não, em Geografia, a leitura dos fenômenos se dá das duas maneiras. “[...] a possibilidade de se utilizar diferentes linguagens possibilita a criança comparar o que é do nível da sua imaginação com os fenômenos reais que organizam o espaço geográfico, permitindo comparações conceituais.” (ibidem)

A literatura infantil tem uma infinidade de títulos, tratando dos mais variados temas, os enredos literários apresentam vivências, paisagens, mundos e possibilidades distintas do seu cotidiano, ampliando os seus conhecimentos em relação ao mundo e a eles próprios, auxiliando na construção de sua identidade individual e coletiva, contribuindo com sua o desenvolvimento de suas habilidades de cognição.

Como sabemos, a literatura infantil é importante nesta faixa etária em que as crianças se encontram nos anos iniciais do ensino fundamental, pois despertam o imaginário da criança. É uma fase fundamental para estimular o gosto pela leitura, para explorar a oralidade, enriquecer o vocabulário, provocar o imaginário e a fantasia, fazendo com que elas possam viajar pelo mundo da imaginação. São narrativas que contribuem ao desenvolvimento intelectual e emocional das crianças e servem como experiências simbólicas de como enfrentar as questões reais do dia a dia, como lidar com o bem e o mal e como vivenciar vitórias e derrotas (MARTINS, 2015, p. 69).

Quando propomos o diálogo entre Geografia e artes, incluindo a literatura, não objetivamos propor uma interdisciplinaridade ao acaso, ou simplesmente para sanar uma expectativa atual dos conteúdos interdisciplinar. Consideramos que a arte pode expressar as relações do artista com o seu meio, mesmo que a arte, não tenha obrigatoriamente que trabalhar com a realidade, essa por muitas vezes, nos presenteiam com uma acurada leitura do mundo. Ramos (2016) discute:

Aproximar arte e literatura ao aluno, não deixa de ser um modo, para que ele venha a perceber que a Geografia está presente em nossas vidas de um modo interno e que podemos pela arte vislumbrar outras maneiras de entender nossa realidade social e material (RAMOS, 2016, p. 56).

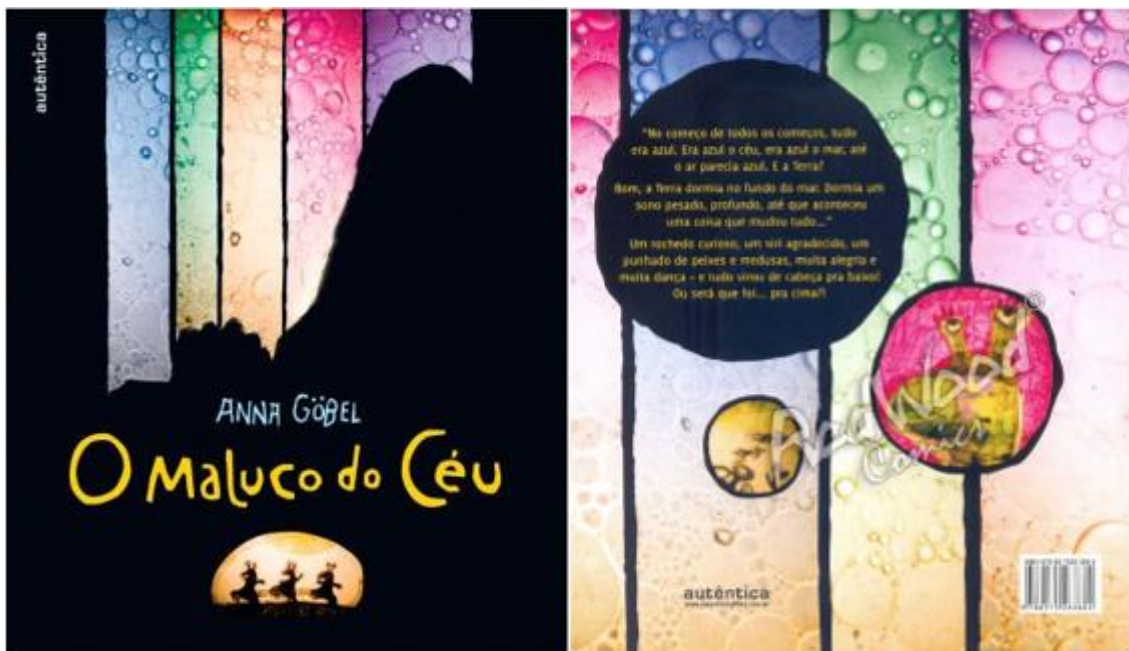
Apresentar aos alunos a arte e suas múltiplas linguagens, demonstrando que a realidade é multifacetada e diversa, contribui para um modo de pensar geográfico. Instrumentalizar as crianças para a leitura do mundo, as suas contradições e o seu papel na produção do espaço é algo que consideramos basilar, a Geografia é muito maior do que conceitos decorativos, ou classificatórios.” [...] a linguagem das artes no ensino de Geografia torna possível enredar conceitos e experiências do lugar, do território, assim como é um modo de conhecimento espacial além do aparente e habitual.” (RAMOS, 2019, p.14). A nossa proposição aqui, pensando no processo alfabetizador, que múltiplas linguagens sejam contempladas, que elas dialoguem entre si e o espaço vivido pelo aluno. Almejamos uma vivência escolar que valorize e trabalhe com a curiosidade e a imaginação infantil, tornando o processo educacional menos penoso e mais significativo.

4. POR UMA DIVERSIDADE DE SABERES: PROPOSTAS PARA UMA EDUCAÇÃO INTERDISCIPLINAR

No primeiro ciclo do ensino fundamental, a Geografia escolar não é apresentada por um geógrafo licenciado, cabendo ao pedagogo ou o profissional com magistério de apresentar esses conteúdos, isso pode ser uma tarefa complexa uma vez que, esses profissionais têm uma formação mais ampla e não voltada especificamente para a Geografia. Pensando sobre essas dificuldades, desenvolvemos uma parte prática para nortear uma abordagem a partir de um livro infantil.

O livro estabelecido, não foi ao acaso, visitamos a biblioteca da escola municipal Vitalina Rossi (Poços de Caldas, MG) e analisamos diversos livros que fazem parte do acervo do PNAIC (Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa), que dentre as suas ações está a distribuição de livros em salas de aulas de todo o país. Queríamos um material de fácil acesso, presente nas escolas públicas e que atendesse à alguns critérios, procurávamos uma obra simples e de fácil compreensão, curta, bem ilustrada, que dialogasse com conteúdos geográficos.

Figura 1 – Capa e contracapa do livro “O Maluco do céu” (2009), por Anna Göbel



Fonte: Editora Grupo Autêntica

O Maluco do céu, de Anna Göbel, publicado em 2009 pela editora Gutenberg, foi o escolhido. A obra é inspirada em uma lenda caribenha sobre a formação dos continentes, com a participação de personagens peculiares, linguagem acessível, com ilustrações simples e delicadas. O enredo se desenrola com um rochedo curioso, que se encontra no fundo do mar e ficou conhecido como “Maluco do céu”, devido à sua insistência em indagar, a todos que passavam, sobre como era a vida “lá em cima” (GÖBEL, 2009, p. 8-9). Após um longo período sem respostas, um siri lhe propõe a ajudá-lo. O desenrolar do conto, além de lúdico e animado, faz diversas alusões à conceitos geográficos, que estão incluídos nas temáticas a serem abordadas em sala. Os temas selecionados são: i) a

formação dos continentes; ii) relevo; iii) paisagem; iv) formação dos oceanos; v) vulcanismo e terremotos; vi) tempo geológico.

Separamos tematicamente para facilitar a proposta. No entanto, salientamos que os assuntos precisam ser abordados relacionando com as vivências do aluno. O intuito é despertar a curiosidade a respeito da paisagem e que alguns questionamentos surjam tais como; será que foi sempre assim? Quais os processos necessários para a construção do que eles veem quando observa a paisagem? Quanto tempo isso levou? Almejamos que levantem hipóteses, que expressem todas essas curiosidades em diferentes linguagens, que se apropriem do conhecimento proposto.

O ensino em Geografia requer novas formas de pensar, planejar e executar os conceitos geográficos, para esse fim é necessário também a mudança da prática do professor, tentando buscar formas de ensinar pensando na realidade do aluno e na vivência dele, assim o fazendo sentir elemento integrante do espaço onde estuda.

Ensinar Geografia pressupõe entender que o espaço geográfico é algo dinâmico e está em constante transformação e, como tal, impõe uma análise que privilegie o movimento, isto é, discutir o espaço como resultado de um processo histórico que envolve o passado, o presente e o futuro. (MARTINS, 2015, p.70).

Quanto ao ensino direcionado as fases iniciais é uma prática para a criança desenvolver as habilidades, dentre essas podemos destacar a habilidade de saber olhar, analisar, imaginar, descrever e observar, estas etapas ajudam ao aluno compreender o espaço vivido, procedimento executado por meio da curiosidade despertada por eles.

No Ensino Fundamental deve-se buscar evadir da memorização dos conceitos e, tentar propor uma dinâmica mais inclusiva das vivências dos alunos, buscando relacionar o cotidiano com os conteúdos, podendo explorar a imaginação, a criatividade por meio de literaturas infantis ou de outros formatos que favoreçam uma aula que mobilize a atenção. Trabalhar de forma interdisciplinar propicia ao aluno um olhar multifacetado, que contribui para a apreensão do conhecimento sistemático e amplo, tornando-os aptos para ler a paisagem, compreendendo suas origens, processos e resultâncias. A autora consegue abordar na sua narrativa elementos científicos de uma forma lúdica e fácil compreensão sem que haja uma necessidade de conhecimentos prévios sobre o assunto. Apesar de se tratar de uma obra ficcional que aborda elementos fantásticos é interessante

que informações científicas norteiam a “estória”, sendo um facilitador para a introdução do assunto em sala de aula.

Baseando-se nestas proposições, sugerimos a aplicação de atividades que ajudem a desenvolver certas habilidades em Geografia, Língua Portuguesa e Arte presentes na BNCC, tendo como público alvo o 2º e o 3º ano do Ensino Fundamental 1. O quadro abaixo especifica as habilidades da base nacional comum curricular do 2º ano do ensino fundamental 1, destacando os objetivos esperados durante as aulas. Por meio destes objetivos iremos sugerir uma atividade interdisciplinar sobre a formação dos continentes, perpassando por temas como: tempo geológico, relevo, paisagem, formação dos oceanos, vulcanismo e terremoto, temáticas presentes na obra literária “O Maluco do céu”.

O roteiro a seguir pode orientar o professor em possíveis aplicações da atividade em sala de aula, é formatado para funcionar de forma interdisciplinar, buscando inter-relacionar conceitos geográficos, a imaginação por meio da leitura e a arte como uma fase de criatividade do aluno em recriar a paisagem, ou seja, representar um oceano, vulcões, relevos e placas tectônicas por meio de massinhas de modelar ou desenhos artísticos que podem ser feitos em papel sulfite.

Quadro 1 – Sugestões de temas contidos no livro e habilidades do 2º Ano

TEMAS	HABILIDADES DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR		
	2º Ano – Ensino fundamental		
	Geografia	Língua Portuguesa	Artes
Tempo Geológico	(EF02GE05) Analisar mudanças e permanências, comparando imagens de um mesmo lugar em diferentes tempos.	(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.	(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais
Formação dos continentes			
Relevo			
Paisagem			
Formação dos Oceanos			
Vulcanismo e Terremoto			

Fonte: autoria própria (2020) - adaptado da Base Nacional Comum Curricular (2017).

Quadro 2 – Proposta de Atividade – Imaginando a formação dos continentes

<p>Objetivo: Compreender os processos naturais e históricos no espaço geográfico e traçar um paralelo com a paisagem de vivência dos alunos.</p>
<p>Material: Livro literário, fotos extraídas de revistas ou jornais, cartolina, lápis de cor, régua, papel sulfite e borracha.</p>
<p style="text-align: center;">Etapa 1: Língua portuguesa.</p> <p>Na ótica da língua portuguesa o professor pode utilizar do livro para contar a história sobre a trama dos personagens, elucidando momentos importantes da história. Após o término da história é aconselhável propor uma discussão sobre o que os alunos acharam dos personagens, qual elemento da história chamou mais atenção e o personagem que eles mais se identificaram. É de suma importância instigar a imaginação das crianças, para isso é interessante perguntar para as crianças se tem como relacionar com algum conto que eles já tenham escutado ou lido.</p>
<p style="text-align: center;">Etapa 2: Geografia</p> <p>O professor precisará inicialmente de imagens extraídas de revistas ou jornais. As imagens podem ser oferecidas pelo educador ou usar do material dos próprios alunos coletados em casa ou na escola. O livro literário apresenta-se como suporte para introduzir elementos geográficos da paisagem, destacando a formação e a transformação da paisagem.</p> <p>Por meio das figuras o professor pode propor uma exposição fotográfica das paisagens coletadas pelos alunos, pedindo para as crianças identificarem quais formações de relevo elas conhecem e quais possuem relação com as ilustrações contidas no livro. Por meio das movimentações abruptas narradas no livro pode se explorar temas como vulcanismo e os terremotos.</p> <p>Pode se sugerir ao professor abordar sobre a diferença de tempo geológico e tempo cronológico, já que no tempo geológicos as mudanças naturais demoram muito tempo para acontecer.</p>
<p style="text-align: center;">Etapa 3: Artes.</p> <p>A fase artística terá como objetivo a criança representar as formações do relevo por meio de massinhas, podendo ser induzido pelas fotografias ou os relevos que foram abordados no livro. É de suma importância que o professor ajude com qualquer dificuldade, porém é necessário destacar que ele deixe o aluno livre para imaginar e modelar as paisagens.</p>
<p style="text-align: center;">Etapa 4: Língua Portuguesa; Artes; Geografia:</p> <p>Criação de uma feira interdisciplinar utilizando das artes recriadas pelos alunos, podendo ser um experimento mostrando o funcionamento de uma erupção vulcânica, utilização de uma</p>

maquete para mostrar as placas tectônicas, modelagens de relevos, além de contação de histórias baseados na trama do livro, visando uma história ou diálogo tentando relacionar os conceitos geográficos com o mundo místicos.

Fonte: autoria própria (2020) – adaptado da Base Nacional Comum Curricular (2017)

Os percursos a se percorrer no terceiro ano do Ensino Fundamental são inerentes e complementares em relação ao segundo ano. Gostaríamos, então, sobre a seguinte proposição apresentar e, acima de tudo, incentivar alunos, professores, gestores, dentre outros inúmeros agentes da área do ensino a incorporar ou ao menos considerar tais pontos.

Sob a égide da interdisciplinaridade existem infinitas possibilidades. Retornamos a consideração sobre as contribuições do livro selecionado como aparato didático, mas não somente. É um instrumento de leitura simples e breve. A sua composição é de expressividade altamente artística, a exemplo de suas ilustrações, que aliás são mais que planos de fundo para a trama: são insubstituíveis ferramentas para prender qualquer leitor. Em aspectos gerais, o terceiro ano tem as atenções voltadas para intensificação do processo de alfabetização. Contudo, como previamente apontamos, não se trata meramente de instruir a escrita e a leitura performática. O foco, por ora, é subsidiar o aprendizado mediante a assimilação da estrutura, coesão e coerências dos textos na Língua Portuguesa (gramática e literatura). Desenvolver a capacidade de abstração e de síntese, bem como estimular a imaginação e a criatividade que pode emergir de vários cantos e dos diversos saberes na escola. Temos as artes, mas não somente elas, incumbidas de tais propostas.

Não podemos, sob nenhuma circunstância, ignorar a necessidade da alfabetização geográfica. É um fator, sem sombra de dúvidas, que se demonstra como de extrema relevância quando consideramos o ensino de Geografia nos primeiros anos escolares. Instrumentalizar os alunos para que estes busquem compreender o seu espaço de vivência e todas suas especificidades, bem como estimulá-los a perceber e reivindicar o seu lugar em sociedade e, porventura, transformá-la.

Como feito anteriormente, apresentaremos um quadro síntese em relação a que temas buscamos e incentivamos trabalhar nas referidas turmas, destacando a tríade interdisciplinar que analisamos até aqui. Posteriormente, apresentaremos diálogos

possíveis, através de propostas de atividades nas mais variadas modalidades: individual, em grupo, utilizando de diversos materiais, correlacionando os saberes e, por que não, apresentando também os resultados como forma de expressar a concretude dos conhecimentos debatidos. Nesta perspectiva, buscamos contribuir para um ensino mais abrangente e que utiliza dos instrumentos à mão com o objetivo, mesmo que simples, de tornar o aprendizado algo mais bem construído e mais reconhecido.

Quadro 3 – Sugestões de temas contidos no livro e habilidades do 3º Ano

TEMAS	HABILIDADES DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR 3º anos– Ensino Fundamental I		
	Geografia	Língua Portuguesa	Artes
Tempo Geológico	(EF03GE04) Explicar como os processos naturais e históricos atuam na produção e na mudança das paisagens naturais e antrópicas nos seus lugares de vivência, comparando-os a outros lugares.	(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.	(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais
Formação dos continentes		(EF35LP01) Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado.	
Relevo Paisagem		(EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.	
Formação dos Oceanos		(EF35LP04) Inferir informações implícitas nos textos lidos	
Vulcanismo e Terremoto			

Fonte: autoria própria (2020) – adaptado da Base Nacional Comum Curricular (2017)

Separamos algumas habilidades a serem desenvolvidas no terceiro ano que possuem alta relevância e que auxiliarão na proposição destas e à possíveis futuras atividades, nas quais Geografia, a priori, pretende que os alunos desenvolvam habilidades relacionadas as questões sociais e naturais e suas implicações na compreensão da transformação da paisagem. É uma habilidade fundamental. O senso comum contribui para uma noção de uma paisagem estática, não dinâmica. Sob outra perspectiva, os

agentes que contribuem para a sua transformação são diversos: desde fenômenos de origem remota e geológica, desde a ação antrópica que avança sobre o meio natural.

Na língua portuguesa é destacado a importância de reconhecer o núcleo duro dos textos, assim como também desenvolver a capacidade de desvendar determinados temas que estão implícitos no texto. Entretanto, as habilidades que mais nos interessa, especialmente no que se refere ao livro de Göbel (2009), são aquelas que tomam a literatura como um instrumento lúdico, de dimensão fantasiosa e que contribui enormemente ao imaginário, devendo ser tomada exaustivamente como fenômeno de cultura e conhecimento dos povos. Por fim, Artes são responsáveis pela apreciação da manifestação artística e suas inúmeras facetas e vertentes, tal como suas inúmeras formas de fazer. A pintura, o desenho, a dança, a música são alguns exemplos. Preocupam-se ainda em estruturar habilidades quanto ao uso de materiais diversos que possam ser úteis nas representações dos fenômenos artísticos.

Nosso próximo passo é apresentar a possibilidade de aplicação de uma atividade que contemple esses aspectos que recorrentemente foram apresentados. Destacamos, novamente, que estamos ponderando a análise dos temas centrais dentro do livro supracitado e explorado as suas potencialidades, quanto a estes que se seguem: formação dos continentes, formação dos oceanos, paisagem, tempo geológico e relevo.

Quadro 4 – Proposta de Atividade – O que é paisagem?

Objetivo: Discutir a percepção dos alunos quanto ao que comumente refere-se à “paisagem natural”, “paisagem antrópica”, ou ainda, “paisagem artificial”

Material: Fotografias, desenhos, livros, textos, cartazes.

Etapa 1: Língua Portuguesa

Propor aos alunos a leitura individual ou coletiva do livro *O Maluco do céu* (GÖBEL, 2009). Abertura de debate ou roda de conversa quanto as suas opiniões sobre o livro quais foram os aspectos mais importantes e mais interessantes em sua leitura. Estes podem escrever sobre estas questões, anotar em um quadro negro/lousa elementos que gostariam de destacar ou ainda sobre eventuais dúvidas.

Etapa 2: Artes

Incentivar os alunos a buscarem coletar fotos, imagens, gravuras, livros, cartazes e representações visuais em um âmbito geral, exemplos que eles consideram melhor para compreender a paisagem. Além disto estes próprios, podem contemplar e registrar a suas paisagens corriqueiras e fotografar ou desenhar, ou mesmo descreve, por exemplo o seu município, seu bairro, sua rua.

Etapa 3: Geografia

Discutir a noção dos estudantes no que se refere a algumas características da paisagem; propor aos alunos que leiam o livro supracitado e que retire da obra momentos que consideram importantes e determinantes para a mudança da paisagem e também sobre outros elementos geográficos. Pode-se ainda sugerir que os alunos reproduzam em desenho as suas idealizações sobre o que é, como se forma e como se transforma a paisagem, utilizando o livro como uma das fontes possíveis.

Etapa 4: Língua Portuguesa; Artes; Geografia:

Propõe-se um evento ou oficina, onde os alunos desfrutem da oportunidade de expor seus trabalhos realizados, como os desenhos, as fotografias, textos. Pode ser aberta às outras turmas ou mesmo permitir a visita da comunidade.

Fonte: autoria própria (2020) – adaptado da Base Nacional Comum Curricular (2017)

A etapa 4, como evidenciado, pode contribuir à complementação da aplicação das atividades anteriores. Notadamente, a abordagem deve ser transversal em todas as etapas complementares da proposta, uma vez que o escopo central é estimular a capacidade de se imaginar e criar na infância (VIGOTSKI, 2009), especialmente em ambiente escolar.

Considerando os temas centrais que buscamos abordar, existe uma variada gama de apropriação dos conteúdos e práticas neste sentido que podem ser incorporadas além do que já fora sugerido, a exemplo de Kaercher (2011) que fornece potenciais formas de abordagem que nos pode ser de grande valia, especialmente considerando que conceitos e conteúdo abstratos muitas vezes têm alto grau de dificuldade no ensino, tanto para o professor quanto para a assimilação dos alunos. Portanto, nos ancoramos também nas seguintes propostas, que são passíveis de adaptação e ampliação conforme os objetivos.

- Teatro de fantoches: a história é narrada através dos fantoches que podem ser personagens das histórias ou não. É importante apresentar fantoches feitos por pessoas que conheçam a técnica para que os mesmos apresentem bom acabamento e qualidade no manuseio.
- Histórias sugeridas: a professora, com o auxílio do flanelógrafo ou do avental (vale aqui também usar um blusão de lã onde as gravuras, com lixa ou velcro atrás, possam ser “grudadas”), inicia a narrativa com uma imagem e as crianças dão continuidade à história encadeando as demais figuras disponíveis.
- Histórias contadas e desenhadas/modeladas: a professora vai contando a história, fazendo pausas estratégicas em cenas importantes da narrativa, para que as crianças possam desenhar, individualmente ou em grupos, as sequências. É imprescindível que haja espaço e material suficientes para que as crianças possam desenvolver a atividade sem necessitar de deslocamentos (para pedir lápis, papel etc. emprestados...).
- Histórias com discos ou instrumentos: o professor vai contando e, com a turma, vai produzindo sons ritmados ou músicas para acompanhar a narrativa. É semelhante a uma peça radiofônica, onde os sons das ações e dos personagens são produzidos, reproduzidos ou inventados pelo grupo. Aqui, vale a criatividade para imprimir marcas singulares em cada personagem, tais como cacoetes, vícios de linguagem, entonação etc.
- Histórias com o uso exclusivo de gravuras: não há narrativa alguma desenvolvida pela professora; as imagens são expostas às crianças (com fotos ou no computador) que irão sozinhas encadeá-las para formar uma narrativa. Após a exposição, a professora pode pedir que as crianças recontem a história ou não.
- Histórias rimadas: a professora inicia a narrativa e cada criança vai acrescentando um verso, rimado, ao anterior. É semelhante ao repente nordestino ou à trova gaúcha. (KAERCHER, 2011, p. 141-142).

Tendo em vista as particularidades do ser e viver em sociedade, debater temas sem um contexto que embase o conhecimento é um corriqueiro fato na escola. Não estamos tratando somente de questões relacionadas as deficiências do ensino, mas sim das suas possibilidades. O processo de ensino-aprendizagem na infância é de extrema urgência e necessita de uma atenção mais fervorosa, considerando alguns aspectos que circundam a alfabetização no Brasil. A escola apresenta, forças, fragilidades e limites, e isto é indiscutível e, além disto, é preciso considerar a Geografia como parte integrante da escola (PONTUSCHKA, 2000), assim como também são a Arte, a Literatura, a Linguagem, a História, e diversas outras. Evidentemente, são caminhos longos a percorrer, mas que demandam interesse e comprometimento na travessia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos estabelecer a confluência entre Geografia, Artes e a literatura e suas contribuições para o ensino no início da vida escolar. Empenhamos estabelecer a importância do trabalho interdisciplinar no processo de alfabetização, pois entendemos, que este, é um processo amplo e complexo, que envolve diversas linguagens, verbais ou não e compreendemos que, se faz necessário a instrumentalização desses alunos para lerem não apenas os livros, mas, o mundo. A propostas que apresentamos ao longo deste artigo, é uma tentativa de criar alternativas, mais atraentes e significativas para o ensino de Geografia, dialogando com o as normas da BNCC. Buscamos demonstrar que há possibilidades acessíveis para um trabalho entre Geografia e Artes, com material de apoio presente nas escolas.

É indispensável apresentar a Geografia às crianças desde cedo para que construam seus saberes, aprendendo a observar, analisar e ler o ambiente em que estão inseridos, além disto podemos visar o desenvolvimento do pensamento crítico sobre o papel deste cidadão ou cidadã na natureza e na sociedade.

Consideramos a literatura uma importante ferramenta para o ensino em Geografia tendo em vista as séries iniciais. Entendemos que, muitas vezes há a necessidade de recorrer ao lúdico, explorando a criatividade e até mesmo o aspecto fantasioso para apresentar a ciência geográfica e os seus conhecimentos. Em vista disso, sugerimos as narrativas ficcionais como uma alternativa eficaz, além da proposição de atividades voltadas ao ensino infantil, permitindo que o profissional busque formas de tornar as aulas mais dinâmicas, interativas e contextualizadas no cotidiano de seus alunos.

A exemplificação artística por meio dos diálogos e principalmente das ilustrações corrobora para que os alunos desenvolvam este conhecimento tão abstrato nas aulas de Geografia, especialmente nos anos iniciais. Para além dos termos técnicos e das abordagens teóricas massivas, deve-se atrelar o conteúdo formal a vivência do aluno e as suas capacidades de interpretar o espaço a sua volta.

Defendemos que os saberes geográficos aliados às artes e à literatura, podem ser mais atraentes, instigantes e prazerosos, facilitando o processo de aprendizagem dos alunos.

6. REFERÊNCIAS

BERALDI, Francielle Bonfim; FERRAZ, Cláudio Benito de Oliveira. Diálogo necessário entre a Geografia e a literatura infantil nas séries iniciais do ensino fundamental. *Para Onde!?* Volume 6, Número 2, p. 188-187, jul.- dez./2012

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 10 set.2020.

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia e a escola: muda a Geografia? Muda o ensino? *Terra Livre*, São Paulo, n. 1,6 p. 133-152, 1o semestre/2001.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. *Cadernos Cedes*, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. de 2005.

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. O letramento cartográfico e a formação docente: o ensino de geografia nas séries iniciais. In: 9º Encuentro de Geógrafos de América Latina - Reflexiones y responsabilidades de la geografía em America Latina para el siglo XXI, 2003, Merida. *Anais...* Mexico, p. 1-15, 2003.

GÖBEL, Anna. *O Maluco do céu*. 1º Ed. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2009. 40p.

KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. Literatura infantil e educação infantil: um grande encontro. In: UNESP. *Caderno de formação: didática dos conteúdos e formação de professores*. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 135-142, 2011.

MARANDOLA JÚNIOR., Eduardo. Humanismo e arte para uma Geografia do conhecimento. *Geosul*, Florianópolis, v. 25, n. 49, p. 7-26, jan./jun. 2010.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na Literatura. *Geografia*, v. 34, n.3, p. 487-508, set./dez. 2009.

MARQUEZ, Renata Moreira. Arte e Geografia. Imagens Marginais. In: FREIRE-MEDEIROS, Bianca e COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da (Org.). *Imagens Marginais*. Natal: EdUFRN, p. 11-22, 2006.

MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypczynski. O uso da literatura infantil no ensino de Geografia nos anos iniciais. *Geo UERJ*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 64-79, 2015.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib. Geografia, representações sociais e escola pública. *Terra Livre*, São Paulo, n.15, p.145-154, 2000

RAMOS, Elvis Christian Madureira. A confluência de uma ontologia geográfica e a dimensão estética. In: SUZUKI, Júlio César; COSTA, Everaldo Batista da; STEFANI,

BAIDER, Eduardo. (Org). *Espaço, sujeito e existência: diálogos geográficos das artes*. 1ª ed. Porto Alegre, Imprensa Livre, 2016. p. 35-57.

BAIDER, Eduardo. A dimensão estética no ensino de Geografia: uma contribuição à renovação escolar. *Geografia, Ensino & Pesquisa*. Santa Maria, v.23, e5, p. 1-28, 2019.

SEEMAN, Jörn. Arte, conhecimento geográfico e leitura de imagens: O geógrafo, de Vermeer. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 43-60, set./dez. 2009.

SEGISMUNDO, Fernando. Literatura e Geografia. *Boletim Geográfico*, v.VII, n.76, p. 327-332, jul.1949.

SILVA, Adriana Carvalho; SUZUKI, Júlio Cesar (Org). *Estética, poética e narrativa: entre fluidez e permanência nas artes*. 1 ed. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. 415p.

STRAFORINI, Rafael. A totalidade mundo nas primeiras séries do ensino fundamental: um desafio a ser enfrentado. *Revista Terra Livre*, São Paulo, v. 1, n. 18, p. 95-114, jan. 2002.

SUZUKI, Júlio César. Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, n.5, p.129-147, set. 2017.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática, 2009. 134p.

Recebido em 25/03/2020.

Aceito em 14/09/2021.

Publicado em 30/04/2021.